



Oportunidades para os Recém-nascidos em Africa



THE PARTNERSHIP

For Maternal, Newborn & Child Health

IMPROVING HEALTH. SAVING LIVES.

**Dados práticos, políticas e apoios
programáticos para a prestação de cuidados
de saúde aos recém-nascidos em África**

Todos os anos morrem pelo menos 1,16 milhões de recém-nascidos na África Sub-Sahariana. A região africana apresenta as maiores taxas mundiais de mortalidade neonatal, e tem revelado até agora os progressos mais lentos relativamente à diminuição da mortalidade neonatal. Contudo, ainda há esperança. No ano passado, a rapidez das alterações introduzidas nas políticas dos países africanos excedeu de longe as expectativas, proporcionando a possibilidade de se acelerarem os avanços nas áreas da Saúde Materna, Neonatal e Infantil.

SECÇÃO I

Os recém-nascidos africanos - Como contá-los e fazer com que eles contem

SECÇÃO I: Panorama das mortes de recém-nascidos e das vidas que poderiam ser salvas em África, a fim de orientar as políticas e a definição das prioridades programáticas. Onde, quando e por que razão morrem os recém-nascidos africanos e quantos poderiam ser salvos?

SECÇÃO II

Os serviços de saúde materna, neonatal e infantil

SECÇÃO II: Resumo da prestação de cuidados continuados de saúde ao longo das fases pré-gravídica, de gravidez, de parto e do período pós-natal, destacando-se as actuais carências de cobertura de cuidados de saúde e de possibilidades de resolução dessas carências a todos os níveis - prestação de cuidados de saúde a nível familiar e comunitário, serviços de saúde de proximidade, serviços de saúde primários e extensões de serviços

SECÇÃO III

Oportunidades de prestar cuidados de saúde aos recém-nascidos, segundo os programas já existentes

SECÇÃO III: Panorama da situação actual de 9 programas fundamentais relativos à saúde dos recém-nascidos. Estes panoramas analisam as oportunidades, as dificuldades e os estudos de casos relativos à melhoria e à integração da saúde dos recém-nascidos nos serviços de prestação contínua de cuidados de saúde

SECÇÃO IV

Como abranger com cuidados de saúde essenciais, em África, todas as mães e todos os bebés

SECÇÃO IV: Os documentos-quadro das políticas de saúde já existem, mas subsistem lacunas entre as políticas definidas e as acções, especialmente no que se refere aos mais pobres. Que poderemos aprender dos países que estão a fazer progressos? Indicam-se as medidas práticas a adoptar para melhorar e integrar a prestação de cuidados de saúde aos recém-nascidos

SECÇÃO V

Informações sobre como agir

SECÇÃO V: Resumo de dados relevantes para a tomada de decisões em 46 países da África Sub-Sahariana relativamente ao estado actual e às políticas de Saúde Materna, Neonatal e Infantil

Sumário

- 2 Mensagem - Dr.^a Gertrude Mongella, do Parlamento Pan-Africano
- 3 Prefácio - Dr. Francisco Songane, Parceria Para a Saúde Materna, Neonatal e Infantil
- 4 Introdução - Professor E. Oluwole Akande, da “African Regional MCHI Task Force”
- 5 Constatações fundamentais

- 11 Os recém-nascidos africanos - como contá-los e fazer com que eles contem

- 23 Os cuidados continuados de Saúde Materna, Neonatal e Infantil

- 39 Cuidados de saúde a prestar às raparigas e as mulheres antes da gravidez
- 51 Controlo Pré-Natal
- 63 Assistência durante o parto
- 79 Controlo Pós-Natal
- 91 Atenção integrada às doenças da infância
- 101 Promoção da nutrição e da amamentação (ou aleitamento materno)
- 113 Programas de prevenção da transmissão vertical do VIH de mãe para filho (PTV)
- 127 Programas de controlo da malária
- 137 Programas de vacinação

- 151 Prestar cuidados de saúde essenciais a todas as mães e bebés africanos

- 173 Informações para agir

- 232 Referências bibliográficas
- 241 Índice
- 245 Agradecimentos



I

II

III

IV

V



Mensagem

Os recém-nascidos africanos são o futuro de África - a nossa melhor oportunidade



Todos os anos em África...

- ▶ 30 Milhões de mulheres engravidam
- ▶ cerca de 250 000 mulheres morrem de causas relacionadas com a gravidez
- ▶ aproximadamente 1 milhão de bebés são nados-mortos
- ▶ pelo menos 1 milhão de bebés morrem no primeiro mês de vida e cerca de quinhentos mil morrem no primeiro dia de vida
- ▶ outros 3,3 milhões de crianças africanas irão morrer antes do seu quinto aniversário
- ▶ 4 milhões de bebés nados-vivos de baixo peso e outros com complicações neonatais podem sobreviver, mas não poderão atingir todo o seu potencial

Todos os países africanos acrescentam dados a um catálogo de perdas constituído por demasiadas mortes materno-infantis e de recém-nascidos. Contudo, estas perdas não são inevitáveis. Pelo menos dois terços dos recém-nascidos e uma proporção semelhante de mães e de crianças poderiam ser salvos com intervenções a custos competitivos que já constam das políticas da maior parte dos países, mas que não atingem os pobres. Melhorar a saúde dos recém-nascidos é um imperativo para as mães, para as crianças e para os bebés. O preço a pagar é acessível e representa apenas 1,39 dólares por pessoa. Imagine-se o que aconteceria se todos os fundos utilizados na destruição e nos conflitos em África fossem reorientados para a saúde e a sobrevivência dos recém-nascidos.

A África dispõe agora de novas possibilidades. O relatório da Comissão Económica para a África e as repercussões da Cimeira dos Live 8 e da Cimeira dos G8 de 2005 chamaram de forma sem precedentes a atenção externa para a esperança no desenvolvimento e na mudança. Em África, os líderes governamentais, a União Africana e os organismos regionais de saúde estão a arquitectar planos estratégicos para alcançarem os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio. Os parceiros para o desenvolvimento estão a ser chamados à responsabilidade para que dêem um novo tipo de apoio aos países africanos.

Há igualmente novas oportunidades para os recém-nascidos. Pela primeira vez, as políticas globais estão a tomar em consideração os quatro milhões de mortes anuais de recém-nascidos - mais do que as mortes causadas pela SIDA e pela malária em conjunto. No passado, os recém-nascidos morriam sem disso haver conhecimento e nem sequer constavam das estatísticas, mas os doadores começam agora a reconhecer que a saúde dos recém-nascidos é uma prioridade. Os governos, as comunidades e as famílias deverão igualmente considerar como prioritários os recém-nascidos, que são os membros mais vulneráveis da nossa sociedade.

Este livro reúne muitos dos peritos e líderes africanos das áreas materno-infantil e dos recém-nascidos, peritos e líderes que fazem parte desta nova esperança. Ao trabalharem juntos nesta publicação, o trabalho de equipa para salvar os recém-nascidos de África avançou. Agora dependerá de nós, os que a vamos utilizar, alcançar todas as mulheres, todos os bebés e todas as crianças africanas com intervenções essenciais que salvem as suas vidas. Todos nós temos um papel a desempenhar: como funcionários governamentais para orientar e dirigir, como decisores de políticas para garantir intervenções essenciais e equidade, como parceiros e doadores para apoiarmos os programas, como trabalhadores da saúde para prestarmos serviços de alta qualidade, e como seres humanos, para pugnarmos por mais acções em prol dos recém-nascidos africanos, das suas mães e das crianças.

Sua Excelência a Embaixadora Dr.^a Gertrude I. Mongella
Presidente do Parlamento Pan-Africano, União Africana
www.panafricanparliament.org

Prefácio

Melhorar a saúde e a sobrevivência dos recém-nascidos africanos fará progredir a integração da saúde materno-infantil, mas isso não será possível sem a colaboração das parcerias



A publicação *Oportunidades para os recém-nascidos em África* representa um marco histórico no esforço para salvar quatro milhões de bebés que morrem, todos os anos e em todo o mundo, de causas evitáveis e tratáveis, especialmente os 1,16 milhões de recém-nascidos que morrem em África. Publicado sob o patrocínio da instituição “Partnership for Maternal, Newborn & Child Health (PSMNI)” e elaborado por uma equipa de 60 autores, muitos dos quais são africanos ou trabalham em África, esta publicação ajuda a reforçar a energia no sentido da integração dos esforços globais que se desenvolvem para salvar anualmente 11 milhões de vidas maternas, neonatais e infantis, ao promover a prestação de cuidados continuados de saúde para salvar essas vidas.

A saúde dos bebés recém-nascidos não tem sido tratada como devia e tem sido negligenciada. Os governos, os organismos internacionais, os executantes de programas e os doadores, têm-se ocupado mais da saúde das mulheres, da saúde das crianças, ou das doenças infecciosas, por meio de programas “verticais”, separados e muitas vezes competitivos. Esta situação não tem ajudado os países a erigirem sistemas de saúde fortes e integrados. Uma consequência específica desta prática tem sido a inexistência de cuidados de saúde para os recém-nascidos em muitos programas fundamentais.

O recém-nascido é um elo fundamental entre os cuidados de saúde maternos e os cuidados de saúde infantis e é decisivo para o paradigma dos cuidados continuados de saúde que ligam entre si os cuidados de saúde a prestar às mães, às crianças e aos recém-nascidos. O parto e a primeira semana da vida de um bebé são um período de tempo em que as mães e as crianças correm os maiores e mais graves riscos. Porém, em África, menos de metade das mulheres dão à luz com assistência de profissionais especializados e ainda menos beneficiam de cuidados de saúde pós-natal eficazes. Os progressos que se alcançarem relativamente a uma maior cobertura das intervenções essenciais descritas nesta publicação irão beneficiar tanto as mães quanto os recém-nascidos e fazer-se sentir muito para além do período pós-natal, o que irá promover o bem-estar e a saúde infantil e das crianças com mais idade.

A publicação *Oportunidades para os Recém-nascidos em África* irá promover a integração e o incremento de intervenções destinadas a diminuir o número de mortes de recém-nascidos em África, onde a taxa de mortalidade dos recém-nascidos é a mais elevada do mundo. Em média, 41 de cada 1 000 bebés morrem no primeiro mês de vida. As mensagens desta publicação terão de ser convertidas em medidas adequadas a fim de se modificar a situação actual de negligência. É de importância extrema que os governos nacionais liderem este esforço e que a comunidade internacional desempenhe um papel complementar mobilizando, em devido tempo, os recursos adicionais necessários. A grande questão é saber como trabalhar conjuntamente numa parceria eficaz para acelerar as acções, melhorar os serviços de saúde estruturais, e conseguir alcançar uma cobertura elevada e equitativa das intervenções essenciais. Muito se poderá conseguir através de uma melhor integração dos programas e de uma harmonização das actividades dos doadores, mas serão necessários mais financiamentos, especialmente nos países mais pobres.

A saúde das mães, dos recém-nascidos e das crianças representa o bem-estar da sociedade. Temos de trabalhar agora em conjunto e de aproveitar esta oportunidade para apoiarmos os governos nacionais a tornarem operacionais os programas e a promoverem a saúde dos recém-nascidos no contexto da melhoria de sistemas de saúde que funcionem, para bem das mães, dos recém-nascidos e das crianças.

Dr. Francisco Songane
Director da Parceria para a Saúde Materno-Infantil & dos Recém-Nascidos
Genebra, Suíça
<http://www.who.int/pmnh/about/secretariat/en/>

Introdução



Esta publicação ajuda a colmatar o fosso que existe entre as políticas e as acções no que se refere à Saúde Materna, Neonatal e Infantil. Trata-se de um recurso fundamental para as populações africanas e de outros países.

O ponto fulcral das políticas de Saúde Materna, Neonatal e Infantil (SMNI) em África foi reforçado nos últimos anos. A União Africana possui agora três estratégias regionais em várias fases de desenvolvimento:

- Roteiro para a diminuição da mortalidade materno-infantil e dos recém-nascidos (2004)
- Quadro da Sobrevivência Infantil (2005)
- Plano de Acção de Maputo para a Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos (2006)

Cada uma destas políticas-quadro permite que os governos nacionais as adaptem e as implementem de acordo com as necessidades e características do seu país, com o apoio de parceiros e ao abrigo dos princípios da Declaração de Paris sobre a eficácia das ajudas - “Um só plano, um só mecanismo de coordenação, um só mecanismo de monitorização e de avaliação”. 35 países já iniciaram o processo que os levará a um Roteiro nacional, processo que arrancou com a “MNCH Task Force” em 2004. Estas políticas-quadro representam um grande avanço, mas constituem apenas um primeiro passo na via que levará a salvar vidas pelo aumento das áreas de cobertura das intervenções essenciais. O tempo escasseia - só nos restam nove anos antes da meta de 2015 para se alcançarem os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM). A África pode e deve acelerar a marcha dos acontecimentos.

A publicação *Oportunidades para os recém-nascidos em África* ajuda a colmatar o fosso existente entre as políticas e as acções no que se refere à Saúde Materna, Neonatal e Infantil (SMNI). O recém-nascido está no âmago dos cuidados continuados de saúde. Uma atenção sistemática prestada à melhoria e ao alargamento dos cuidados de saúde que lhe devem ser prestados no âmbito dos planos e dos programas nacionais será recompensada pela prestação de melhores serviços de SMNI. Esta publicação inclui os seguintes temas:

A Secção I põe em destaque as mortes de recém-nascidos em África, o que é complementado pelos perfis apresentados na Secção V, que mostram qual é a situação fundamental da Saúde Materna, Neonatal e Infantil em 46 países de África, incluindo os progressos já alcançados no sentido do 4º objectivo dos ODM, a cobertura dos cuidados continuados de saúde prestados, a avaliação da equidade e a análise do financiamento destinado à saúde, fornecendo dados para a tomada de decisões na área das políticas e dos programas de SMNI.

A Secção II descreve os cuidados continuados de saúde essenciais para a articulação da prestação de cuidados de saúde de qualidade a uma rapariga, a uma mulher, a um bebé, e a uma criança, e que integrem programas de SMNI, e refere a estrutura básica ou linha dorsal de um sistema de saúde eficiente. Muitas mortes de mães e de recém-nascidos acontecem em casa e são devidas a demoras que nelas ocorrem. São por isso também cruciais melhores ligações entre as famílias e os serviços.

A Secção III contém nove capítulos que pormenorizam o modo como se podem melhorar os programas fundamentais de SMNI e os cuidados continuados de saúde, destacando as oportunidades imediatas que se apresentam para interligar a saúde dos recém-nascidos com estes programas.

A Secção IV analisa o que podemos aprender de seis países que estão a fazer progressos. Descrevem-se as medidas práticas a adoptar para se acelerarem as acções, interligando-as com o planeamento nacional. É necessário mais investimento, mas também é necessária uma utilização mais eficaz das oportunidades e dos recursos existentes. As organizações profissionais têm um papel importante a desempenhar, visto que as parteiras, os médicos, os obstetras e os pediatras constituem uma interface dos cuidados de saúde especializados. Delegar certos papéis específicos a trabalhadores comunitários e a quadros intermédios ligados a equipas tem um potencial próprio para acelerar o progresso. Melhorar a monitorização e analisar os progressos alcançados é fundamental para a qualidade dos serviços de saúde prestados e o mesmo se pode dizer da atenção prestada ao fornecimento fiável e credível de produtos e de matérias-primas.

O **CD junto** descreve o planeamento fundamental do programa e as orientações para a sua implementação, assim como matérias e dados adicionais.

Esta publicação constitui um recurso fundamental para muita gente em África e não só, e deverá catalisar os progressos no sentido de uma cobertura universal de serviços de saúde, com destaque especial para a cobertura dos serviços prestados aos pobres. Temos de ultrapassar a burocracia habitual e passar a algo mais substancial: mais liderança governamental, mais espírito de parceria, mais planeamento harmonizado, mais investimento, mais pessoal, mais formação profissional, mais monitorização, mais produtos e mais materiais, e também maior responsabilização.

Professor E. Oluwole Akande
Chair, African Regional Maternal, Newborn and Child Health MCH Task Force
(Task Force Regional Africana para a Saúde Materna, Neonatal e Infantil - SMNI)